



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

07 de setembro de 2016

Protesto sem violência / Manifestações / Polícia Militar / Florianópolis / Michel Temer / Avenida Beira-Mar Norte / Avenida Paulo Fontes / Marcelo Pontes / Rede Fora Temer / Terminal e Integração do Centro / Ticen / Eduardo Cunha / Dilma Rousseff / Daniel Silveira / Guilherme Laus / Marielle Roger / Rafaela Maciel / Curso de Letras / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Curso de Pedagogia / Faculdades Estácio de Sá / Katia Rodrigues / Ricardo Meleiro / Stefany Corber / Daiane da Silva / Laura Nascimento / Luana Raiter / Raimundo Colombo / César Grubba / Aldo Pinheiro D'Ávila / Paulo Henrique Hemm / Attilio Guaspari Filho / Polícia Civil



Manifestantes ofereceram flores à PM em momento de negociação embaixo do elevador Rita Maria

PROTESTO SEM VIOLÊNCIA

EM ACORDO COM a Polícia Militar, manifestantes tomaram as ruas de Florianópolis em ato pacífico contra o presidente Michel Temer e confronto registrado na sexta-feira passada não se repetiu na capital catarinense

FELIPE LENHART
felipe.lenhart@diario.catarinense.com.br

Em 21h05 de ontem quando milhares de manifestantes que pedem a saída de Michel Temer da presidência desfilaram em uma barreira formada por 15 homens da tropa de choque da Polícia Militar, no entroncamento entre a Avenida Beira-Mar Norte - que leva às pontes de acesso à Ilha - e a Avenida Paulo Fontes - que segue para o Centro da Capital. A linha de frente da passeata, então, reencenou a clássica cena da estudante norte-americana que, em 1967, postou-se diante de soldados da Guarda Nacional segurando apenas uma flor para pedir o fim da Guerra do Vietnã.

No caso de Florianópolis, segundo os manifestantes, o gesto tinha o objetivo de tentar garantir que o direito constitucional de manifestação fosse assegurado com segurança pela polícia. Queriam evitar o uso de bombas de gás lacrimogêneo e armas não-letais, como aconteceu na última sexta-feira. O episódio gerou intenso debate sobre a atuação das forças de segurança e dos envolvidos nas cenas de violência que se seguiram pelas ruas centrais da cidade naquela noite.

Mesmo assim, durante cinco minutos, enquanto flores eram empunhadas de um lado e armas e escudos brandidos de outro, a tensão se instalou. Em meio ao impasse, o tenente-coronel Marcelo Pontes, que liderava o policiamento, lembrava aos representantes da Rede Fora Temer, grupo de coletivos que encabeçou a passeata, que o combinado previamente era o deslocamento do Trapiche da Avenida Beira-Mar Norte até o Terminal de Integração do Centro (Ticen), e não rumo às pontes Colombo Salles e Pedro Ivo. Ao fim dessa conversa, a bateria que animava a passeata foi instruída a puxar mais uma vez o grito de "Fora, Temer", bandeiras foram novamente erguidas e o combinado prevaleceu.

Dois horas antes, quando a multidão já estava concentrada e pronta para sair em marcha pela Beira-Mar Norte, o tenente-coronel e as lideranças da rede haviam entrado em acordo que o trajeto seria mesmo até o Ticen, com todas as pistas no sentido Bairro-Centro fechadas, e que não haveria tentativa de tomar as pontes. Naquele momento já corria entre os manifestantes a informação de que o juiz Rafael Brining havia concedido salvo-conduto às pessoas que, de forma pacífica e sem armas, participassem da manifestação, com exceção de situações de "flagrante delito". Além da atenção da Justiça, a manifestação também

estava sendo observada, por meio das câmeras de videomonitoramento instaladas na Beira-Mar Norte, pela cúpula da secretaria de Estado da Segurança Pública, reunida naquela hora no Comando Geral da PM.

CÂNTICOS PELO CAMINHO E PROMESSA DE RETORNO

A partir daí, e acompanhada de longe pela polícia - cujo comando foi cumprimentado algumas vezes pela forma como estava conduzindo a manifestação -, a passeata percorreu a avenida entoando gritos de guerra os mais variados. Contra a existência da PM, maldizendo Eduardo Cunha, às vezes relembrando Dilma Rousseff. Mas os únicos cânticos que soavam em uníssono miravam Michel Temer, alvo principal do protesto e cuja queda é o aglutinador das diferentes vertentes dos movimentos.

Pelo caminho, jorrais e momentos de descontração - como no canto que lamentou os gustos milionários com a Ponte Hercílio Luz ou quando as milhares de pessoas se sentaram na avenida aos gritos de "Quem não senta é golpista". Ao final, já na frente do Ticen, a bateria improvisada aumentou o volume para embalar as palavras de ordem derradeiras da noite: "Amanhã vai ser maior".



Em 1967, em ato contra a Guerra do Vietnã no Pentágono, manifestante confrontou a Guarda Nacional dos EUA com uma flor. O momento foi eletrizado pelo fotógrafo francês Marc Riboud



Quem mostra
na rua
brly/zctbn

Você que
deixa
brly/zowzky

Diferentes vozes pedem a saída de Temer e novas eleições diretas

ANGELA BASTOS

angela.bastos@diariocatarinense.com.br

Daniel Silveira, 31 anos, empunhava um faixa onde estava escrito que não queria a volta de Dilma Rousseff. A menos de três metros dele, Guilherme Laus, 17 anos, pulava e gritava "Fora Temer". Bem perto, a estudante do terceiro ano do ensino médio Marielle Roger 24 anos, segurava um cartaz pedindo Eleições Já. Motivos diferentes e um objetivo comum uniram os milhares de manifestantes que na noite de ontem estiveram na Avenida Beira-Mar Norte. O "Fora Temer" foi o grito mais ouvido ao longo das duas horas e meia de caminhada que se iniciou por volta das 19h, no trapiche da Beira Mar Norte, e se encerrou às 22h, nas proximidades do Terminal de Integração do Centro (Ticen).

- Aqui tem branco, negro, mulher, gay, pobre a até gente bem de vida. Estamos todos juntos contra esse governo nascido de um golpe e que não respeita os nossos direitos - disse Rafaela Maciel, estudante de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Aluna de Pedagogia da Faculdade Estácio de Sá, Katia Rodrigues, 20 anos, diz não gostar de política:

- Eu nunca fui muito ligada em política,

principalmente nesse negócio de partidos. Acho que as pessoas podiam ter bandeiras de luta, mas não siglas - opinou.

Ricardo Meleiro trabalha numa loja de celulares num shopping e ontem pediu à chefe para sair mais cedo; queria encontrar a namorada e seguir para a manifestação:

- A gente quer mostrar para as pessoas que é possível protestar, cantar e dançar sem violência. Uma das nossas armas é o voto, e queremos respeito. Por isso não concordamos com esse governo ilegítimo que não respeita a democracia - defendeu Ricardo.

Um pouco mais tímida, coube à namorada Stefany Corber dizer o que espera do futuro do país:

- Eu não achei justo tirar a Dilma, mas também não gosto de partido envolvido em corrupção. Para mim, o melhor é fazer nova eleição. Mas não só para presidente, para deputados e senadores também.

Daiane das Silva, 20 anos, se identificou como feminista. Criticou os primeiros atos do governo, como a falta de representatividade das mulheres, e disse não concordar com atos de repressão e o uso de violências contra as manifestações.

A atriz Luana Raiter repetiu o roteiro dos últimos tempos. Acompanhada do

marido e de um dos filhos, com um ano de idade, esteve presente na manifestação. Desde o OcupaMinc tem sido assim: sempre que pode vai aos protestos que pedem o fim do governo Temer. Trabalhadora da cultura, Luana é eleitora de Dilma e mesmo reconhecendo que não existem chances do retorno, gostaria que a ex-presidente pudesse concluir o mandato:

- Esse governo Temer não pode mais continuar.

Laura Nascimento, 22 anos, vinha à frente da manifestação. Não carregava faixas ou cartazes, mas seu skate.

- A gente não vai sair das ruas enquanto esse governo não cair - avisou.

Ivan Dario, 67 anos, usou de gentilezas durante a manifestação: distribuiu amendoim para os policiais que acompanhavam a distância a passeata. Vendedor de doces numa das esquinas de Florianópolis, ele retornava do trabalho quando encontrou o grupo. Declarando-se de esquerda, mostrou-se contrário ao fato de que "político condenados pela justiça por corrupção tenham casado uma presidente que não comentou crime". Mas não acredita na possibilidade de um retorno.

- O Temer não tem legitimidade alguma. A saída para o país voltar ao normal é fazer novas eleições - sugere.



Grubba (E), Colombo e Paulo Henrique Hemm monitoraram a manifestação

Cúpula acompanhou ato por câmeras

DIOGO VARGAS

diogo.vargas@diariocatarinense.com.br

Em uma nova estratégia, o comando da segurança pública de Santa Catarina decidiu desta vez acompanhar os desdobramentos das manifestações das ruas em Florianópolis. Durante as mais de três horas do protesto, os integrantes da cúpula monitoraram o ato em tempo real por câmeras do comando-geral da Polícia Militar, no Centro. O governador Raimundo Colombo também foi ao quartel ao final para a avaliação.

O secretário titular da SSP, César Grubba, e o secretário-adjunto, Aldo Pinheiro D'Ávila, foram pessoalmente ao comando da PM, onde ficaram com o comandante-geral da PM, coronel Paulo Henrique Hemm. Aldo, que é delegado de polícia, foi o primeiro a chegar entre os presentes da SSP. Todos ficaram de olho nas imagens das telas. Durante o monitoramento, houve contatos por telefone com os comandos operacionais nas ruas.

Fontes ouvidas pela reportagem disseram que a intenção da SSP foi a de agir em eventuais tomadas de decisões. O secretário Grubba foi quem cuidou do planejamento de acompanhamento.

Colombo esteve no local por volta das 22h10min, quando a manifestação já estava se encerrando. Uma outra presença na sala de acompanhamento foi a do delegado da Polícia Civil Atílio Guaspari Filho, que durante o dia tomou os depoimentos de manifestantes nos Ingleses.

Do comando da PM, a cúpula recebia imagens sobre a movimentação em áreas mapeadas. A avaliação ao final foi positiva, pois não houve nenhum tipo de incidente ou confronto e a PM conseguiu evitar bloqueio das pontes. Outra observação das autoridades é que a identificação de suspeitos de vandalismo do ato de sexta teve efeito sobre quem supostamente pretendia fazer novas desordens.



Laura Nascimento, 22 anos, promete continuar nas ruas até a saída de Temer

“A gente não vai sair das ruas enquanto esse governo não cair.”

LAURA NASCIMENTO
22 anos

Aqui tem branco, negro, mulher, gay, pobre a até gente bem de vida. Estamos todos juntos contra esse governo nascido de um golpe e que não respeita os nossos direitos.

RAFAELA MACIEL
Estudante de Letras da UFSC



Ato tomou parte da Avenida Beira-Mar

A Notícia Notícias

“Debater (e entender) as diferenças”

Debater (e entender) as diferenças / Evento / 3ª Semana da Diversidade de Joinville / Samuel de Paula Gomes / LGBTs / Guardei no armário / Livro / Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura / Sindec / Sociedade Kênia Clube / Nossa História de Pele: desejos desviantes e questões raciais / Projeto Purpurina / Homossexuais / São Paulo / Brasil / Congregação Cristã do Brasil / UFSC / João W. Nery / Letícia Lanz

CIDADE | EVENTO

Debater (e entender) as diferenças



CELEBRAÇÃO
Primeira edição do evento foi em 2009, e terminou com a Parada da Diversidade, no Centreventos

3ª Semana da Diversidade de Joinville começa hoje com mesa de debates, palestras, oficinas e apresentações

ALEX SANDER MAGDYEL
alex.sandaso@an.com.br

Negro, homossexual, ex-evangélico e da periferia. Este é o perfil de um dos convidados da 3ª Semana da Diversidade de Joinville, que começa hoje. Samuel de Paula Gomes é ativista das causas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transvestis e Transgêneros (LGBTs), e estará em Joinville para falar sobre sua história de vida, que ele também conta em seu livro *Guardei no Armário*.

O evento continua até sábado e conta com mesas de debates, palestras, oficinas e apresentações culturais. A Semana da Diversidade foi aprovada na categoria mecenato do Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura (Sindec). Samuel vai conversar com o público na sexta-feira, a partir das 19 horas, na Sociedade Kênia Clube. Ele vai palestrar sobre o tema *Nossa História de Pele: desejos desviantes e questões raciais*. Samuel defende a volta das pastas do governo federal para que a sociedade evolua:

– Se não olharmos com carinho para cada minoria, não

vamos alcançar o respeito. Ver LGBTs sendo mortos, expulsos de casa, sendo mortos psicologicamente, é muito triste. Enquanto as pessoas não tiverem empatia, não se colocaram no lugar do outro, entender que suas palavras podem machucar, acho que a gente não consegue evoluir. Ainda falta muito, mas não podemos retroceder naquilo que já conquistamos – defende Samuel.

Em seu livro, o ativista fala sobre como descobriu-se homossexual, a pressão da Igreja, o medo do inferno, o primeiro beijo, o impulso amoroso, a primeira transa e o apoio encontrado em uma ONG. O título *Guardei no Armário* faz referência à expressão 'sair do armário'. Para Samuel, é essencial que as minorias se unam:

– Os movimentos sociais têm que se unir. Os LGBTs têm que estar com a galera afro, com os deficientes. Cada um tem sua bandeira, mas podemos estar juntos – disse.

* Alex Sander Magdyel é estudante de Jornalismo do Bom Jesus/Icluse e participa de estágio no jornal "A Notícia".

“Não podemos retroceder naquilo que conquistamos”

Sobre o que você vem falar na Semana da Diversidade?

Samuel de Paula Gomes – Fui convidado por conta do meu livro, o *Guardei no Armário*. O projeto nasceu há alguns anos, com a ideia de construção de um Tumblr, que conta



Samuel de Paula Gomes

minha história. Cresci na igreja evangélica, muito tradicional. E eu sei que sou gay desde os seis anos de idade. Eu sofria muito lá dentro, porque eu não me aceitava. Quanto eu estava na faculdade, sem ter tido nenhum tipo de relação, eu comecei a estudar sobre a homossexualidade. E comecei a frequentar sessões com psicóloga e a frequentar o Projeto Purpurina, criado por pais de homossexuais, de São Paulo. Tudo que eu fui aprendendo eu deixei registrado nesse Tumblr. Foi aí que meus amigos sugeriram escrever um livro.

o que é ter empatia, sem tirar o protagonismo dos outros. Isso porque eles passam por homofobia, por preconceito. Muitas vezes, as bandeiras caminham juntas. É mais difícil quando as pessoas não têm essa vivência, não passam por algum tipo de opressão.

No que o Brasil precisa evoluir para afastar todo tipo de preconceito?

Primeiro, eu acho que devem voltar todas as pastas que tínhamos há alguns meses. Se a gente não olhar com carinho pra cada minoria, a gente não vai conseguir alcançar o respeito. Ver LGBTs sendo mortos, expulsos de casa, sendo mortos psicologicamente, isso é muito triste, acaba com a pessoa. Ela não consegue se imaginar feliz, fica com depressão. Não é só o LGBT, eu como negro não me achava bonito. Eu me olhava no espelho e não me via bonito, porque o padrão de beleza é outro. Enquanto as pessoas não tiverem empatia, não se colocaram no lugar do outro, entender que suas palavras podem machucar, acho que a gente não consegue evoluir. Se você for pensar no Brasil, tem muitos jovens sendo expulsos de casa. Eu acho que ainda falta muito, mas não podemos retroceder naquilo que já conquistamos

Como foi a construção do livro?

Enquanto eu estava escrevendo, pesquisei e descobri que no Brasil, mais de 55% da literatura nacional sequer tem um personagem que não seja branco. Isso me incentivou ainda mais, sendo negro, da periferia, ex-evangélico. Fui ensinando meus pais, me desligando da igreja, tirando todo aquele peso, aquelas condenações. Eu sei que minha história não é a única, não é pra ser como um manual. Na metade da construção, eu criei um canal no YouTube, para outras minorias contarem suas histórias. No meu canal, quase não apareço. O livro foi feito de forma independente. Estava juntando dinheiro para fazer intercâmbio e quando surgiu a ideia, achei que tinha a necessidade de escrever esse livro.

Como é o acolhimento da comunidade LGBT?

Coloco também no livro uma situação que eu passei. No movimento LGBT, já passei alguns casos de racismo, não são todos, são casos isolados. O que eu coloco no livro é sobre a sexualização do negro, seja no movimento LGBT ou fora. É o fato de você só ser visto para o sexo. Dentro do meio LGBT, os negros sequer são vistos para o relacionamento monogâmico. A grande maioria consegue entender muito mais

Como são as igrejas inclusivas?

Em São Paulo, são seis. Eu era da Congregação Cristã do Brasil, que não aceita. Quando sai da igreja, ainda tinha aquela necessidade de exercitar minha fé. Eu encontrei uma igreja inclusiva. Lá, têm pessoas que foram expulsas da sua igreja de origem. Mas naquele momento que fui, percebi que ali eu não teria respostas. Respeito todas as religiões. Na época que era da igreja, eu não respeitava. Eu tenho uma noção particular de que não preciso ir para igreja para ser aceito por alguma divindade. Acho que falta para igrejas aprenderem que lidar com a vida não é uma questão apenas espiritual. São desejos, sentimentos, emoções. Para os LGBTs que ainda têm necessidade de ir para igreja, que vão para igrejas que aceitem eles como são. Imagina você viver uma vida inteira sem poder amar uma pessoa. Isso é você acabar com sua vida.

PROGRAMAÇÃO

HOJE

15h - Sesc

Roda de Conversa: feminismos, relações de gênero, sexualidades e movimentos LGBTs.
Palestrantes: Camilla Diane Silva, Kethien Kothi e Daniela Rosendo.

19h - Sesc

Abertura oficial da 3ª Semana da Diversidade de Joinville.
Teatro Playback: Dionisos Teatro.

19h - Sesc

Abertura da Exposição Fotográfica "Nossa história, Nossa Luta".

AMANHÃ

19h - UFSC

"Nossa História Trans".
Palestrantes: João W. Nery e Letícia Lanz.

21h - UFSC

Lançamento de Livros e Sessão de Autógrafos.
Palestrantes: João W. Nery e Letícia Lanz.

9/9 - SEXTA-FEIRA

19h - Sociedade Kênia Clube
"Nossa História de Pele: desejos desviantes e questões raciais"
Palestrantes: Jarid Arraes e Samuel de Paula Gomes.

AN.com.br

- Confira a programação completa.

Diário Catarinense
Ana Paula Bittencourt
"Protesto contra a violência"

Protesto contra a violência / Diogo Cuiabano de Medeiros / Florianópolis / Movimento pela Não Violência / UFSC / Rio de Janeiro / Vestibular / Curso de Engenharia Eletrônica



A Notícia
Livre Mercado
"Nomeação"

Nomeação / Eletrosul / Gilberto Odilon Eggers / Laércio Faria / Desenvolvimento empresarial / Universidade Federal de Santa Catarina



Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Preocupante"

Preocupante / Movimento social / Sem-terra / Sem-teto / CUT / UNE / UFSC

PREOCUPANTE

Serviço Secreto do Cacau, muito bem infiltrado nos movimentos que agitam a cidade, descobriu, entrando em alguns grupos de redes sociais, que eles são organizados por lideranças de sem-terra, sem-teto, CUT e uma parcela marxista da UNE, entre outros. O coração em Floripa é a UFSC. Alunos e professores falam mal da cidade com seguidores e chegam a ensinar táticas de guerrilha. Uma estudante incentiva a encher balões de tinta para jogar nos policiais de capacetes, pois assim forçariam que eles tirassem os capacetes para que ficassem sem proteção, sendo alvo fácil de "pedradas na cara", como diz a moça. O que me impressiona é a idade da turma.

Diário Catarinense
Rafael Martini
"Hora do colóquio"

Hora do colóquio / UFSC / III Campeonato Brasileiro de Debates / Instituto Brasileiro de Debates

HORA DO COLÓQUIO

Começa hoje na UFSC o III Campeonato Brasileiro de Debates. Em tempos de discussões tão rasas travadas nas redes sociais, quem sabe esteja aí uma boa oportunidade para aprender a qualificar as discussões. Assunto certamente não faltará. Mais informações no site do Instituto Brasileiro de Debates.

Diário Catarinense
Rafael Martini
"Violência contra a mulher"

Violência contra a mulher / Araranguá / UFSC / Lei Maria da Penha / Sônia Maria Dall'Igna



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[**UFSC produzirá energia solar para mover ônibus elétrico em Florianópolis**](#)

[**TAC comemora 141 anos neste 7 de setembro**](#)

[**Sensatez**](#)

[**Semana da Diversidade tem quatro dias de programação em Joinville**](#)

[**Curitibanenses no Festival do Rio Grande do Sul de Paris, na França**](#)

[**Curitibanenses no Festival do Rio Grande do Sul de Paris, na França**](#)

[**Semana da Diversidade tem quatro dias de programação em Joinville**](#)

[**UFSC cria ônibus alimentado por energia solar**](#)

[**Hospitais universitários: Processo seletivo aberto com mais de 2 mil vagas**](#)

[**Gilberto Eggert é nomeado diretor da Eletrosul**](#)